

# OS PIONEIROS

Como está fazendo regularmente nos dias de exibição do programa Os Pioneiros — TV Nacional, quartas-feiras, 21:15 h — o **CORREIO** publica hoje a íntegra das entrevistas do capítulo exibido semana passada para que você possa acompanhar a seqüência deste programa que é uma verdadeira memória da história de Brasília, desde as primeiras missões exploratórias até seus empolgantes momentos de construção, sempre através de documentos históricos e dos depoimentos daqueles que estiveram — e muitos ainda estão — participando da transferência da Capital Federal. Hoje, além do Dr. Ernesto Silva, um médico pioneiro que continua em grande atividade na nossa comunidade, Os Pioneiros traz o depoimento de muitas pessoas simples mas que tiveram igualmente uma importância fundamental nos primeiros tempos da nova cidade. É o caso de Dona Elza, da Cigana, do fotógrafo Mario Moreci, do comerciante Joaquim Garcia Neto. Em todos eles, um denominador comum: seu amor por Brasília.

## Cigana: "JK? Eu peguei na mão dele. Foi o melhor homem..."

**T**ânia Quaresma — Dr. Ernesto Silva, a pergunta clássica: por que o Senhor veio para Brasília?  
Ernesto-Silva — A história é longa. Eu era oficial do Exército, trabalhava com o Marechal José Pessoa (trabalhei com ele 12 anos), fui ajudante-de-ordens dele, e quando Getúlio Vargas morreu e Café Filho assumiu o poder, convidou o Marechal Pessoa para presidir a comissão de localização da Nova Capital. Eu, muito amigo do Marechal, tendo servido com ele muito tempo, fui convidado para ser o secretário da Comissão. Essa Comissão já tinha iniciado seus trabalhos durante o Governo de Getúlio Vargas e os trabalhos estavam sendo realizados pela firma Donald Belcher, americana, que tinha como incumbência fazer um levantamento total da área escolhida pelo Congresso, e escolher cinco sítios de mil quilômetros quadrados como os mais adequados para a construção de uma capital. Isso foi em 1954. Em 1955, logo no início, a firma entregou seu trabalho, indicando os cinco sítios preferidos por ela, após exaustivos estudos de fotoanálise, de inspeção do próprio terreno. Então, a Comissão veio aqui. Era uma Comissão pequena: eu, o Marechal Pessoa, o Marechal Mario Travassos e um tesoureiro. Nos deslocamos para o Planalto Central para examinar os cinco sítios indicados pela firma técnica. Os sítios eram denominados por cores, para não haver vazamento de informações que pudesse determinar uma especulação imobiliária. Chegamos aqui em 5 de fevereiro de 1955. Chegamos a Planaltina em um avião da FAB, e de Planaltina tomamos uma estrada que ia para Luziânia. Num determinado ponto, exatamente onde fica hoje a Velhacap, nos embrenhamos pelo mato adentro, pelo cerrado, até chegarmos ao ponto mais alto desta área do Distrito Federal, que é justamente onde está hoje o Cruzeiro. Ali contemplamos aquele horizonte, muito bonito, e dali partimos com a quase convicção de que não haveria outro lugar mais interessante para se instalar uma Capital. Saímos dali, voltamos para Goiânia, que era nosso quartel-general, nosso ponto de apoio aqui no Planalto, dormimos e voltamos para o Rio de Janeiro no dia seguinte. Mais tarde, a Comissão de Localização da Nova Capital estabeleceu critérios, comparou os diversos sítios e escolheu este como o preferido para a construção de Brasília.

Tânia — Quais foram os primeiros passos?  
— Dr. Ernesto — Os primeiros passos seriam a declaração de utilidade pública desta área e a desapropriação da mesma. Acontece que o Presidente Café Filho não quis assumir essa responsabilidade. Ai o Marechal Pessoa e eu tomamos um avião e convencemos o Governador José Ludovico de Almeida a declarar, pelo Estado de Goiás, toda essa área de utilidade pública. Ninguém mais poderia comprar ou vender terras na região. O Estado de Goiás nomeou uma comissão para a desapropriação dessa área.

Tânia — Eles acreditavam realmente na mudança?  
— Dr. Ernesto — Eles acreditavam porque tinham um exemplo histórico, que era a transferência da Capital, da cidade de Goiás Velho para Goiânia. Então, como eles transferiram a capital deles, também acreditavam que o governo federal iria transferir a Capital Federal para o Planalto Central, e com

uma vantagem tremenda para o Estado de Goiás, porque, na realidade, depois da criação de Brasília, o Estado de Goiás teve um "boom" de desenvolvimento. Depois que Juscelino entrou para o governo, o Marechal Pessoa pediu demissão e eu fiquei presidente da Comissão, o Juscelino me chamou e me pediu que enquanto tramitasse no Congresso a lei que criaria a Novacap, eu tomasse algumas providências para acelerar a construção de Brasília. E durante os cinco meses que nós estivemos na Presidência, nós pudemos fazer alguma coisa. Trouxemos uma comissão do Ministério da Agricultura para verificar a quantidade de água que existia aqui no Planalto, pois se dizia que havia pouca água aqui no Planalto. Além disso, contratamos uma firma para fixar os limites do Distrito Federal e lançamos o concurso do Plano Piloto. Antes de haver a Novacap, fomos nós que lançamos o concurso do Plano Piloto. Tudo isso para diante o serviço para o Juscelino. Como foi criada a Novacap em setembro de 1956, o Juscelino nomeou a diretoria da Novacap: Israel Pinheiro como Presidente, e como diretores eu, o Bernardo Sayão e um representante da oposição, o então deputado Iris Meimberg. Fomos nomeados em 24 de setembro de 1956. Construímos o Catetinho para quartel-general nosso, construímos alguns barracos de madeira, ali na Velhacap, para servir de escritório para nós e começamos a batalha. Assim, abaixo de uma chuva intensa, começamos a construção em outubro, novembro. Começamos as construções provisórias, a construção do aeroporto. Foi uma epopéia a construção do aeroporto: começou em novembro e terminou em maio. Justamente na época das chuvas, construímos um aeroporto com 2.700 metros de pista. De modo que foi com esse espírito de pioneiro, de trabalho, de dedicação, de desprendimento, que nós partimos para a construção de Brasília. Houve muitas pessoas descrentes, houve pessoas que combatiam, como a maioria dos deputados da UDN, mas fomos tocando o trator pela frente e essas pessoas, que eram contra, ficaram na poeira da estrada.

Tânia — Fale sobre as pessoas que eram contra. Como era a campanha contra a construção da Capital?

Dr. Ernesto — Bom, a UDN quase inteira era contra. E o maior adversário de Brasília foi, talvez, o Carlos Lacerda. Lacerda era um homem muito inteligente, muito culto, mas era o homem do contra. Ele era sempre contra tudo, principalmente contra aquilo que não partia da ideia dele. O Eugênio Gudin também era contra. E contra até hoje. Achava que era um desperdício de dinheiro, e não uma aplicação de capital, como foi. Os argumentos eram os mais diversos possíveis. Que não era a época própria que estava se gastando muito dinheiro, que era muito longe, que isso aqui era um ermo, que se iria colocar o governo num lugar fora da realidade do Brasil, que ele não iria auscultar os anseios da população, que ficaria isolado do país, que se roubava muito aqui. No entanto, todos os diretores da Novacap morreram pobres. E o meu exemplo está aqui. Eu trabalho até hoje, preciso trabalhar para ganhar a vida, para ter uma vida razoável, de classe média. Todas as pessoas que vieram para o Núcleo Bandeirante, esse núcleo que foi o esteio de Brasília, essas pessoas que vieram explorar a pedra aqui, as pessoas que aqui fizeram olaria, não tem ninguém rico.



Mario Moreci, um pioneiro dedicado a fotografia

Não tem ninguém rico entre aqueles que vieram construir Brasília. Pode ser que me tenha passado alguma coisa, mas as pessoas se enriqueceram aqui depois da construção.  
Tânia — E a área da saúde, como é que funcionava? O senhor estava contando a respeito das chapas de pulmão em massa...

Dr. Ernesto — Bom, quando nós chegamos aqui não tinha praticamente nada. O Núcleo Bandeirante começou em fins de 1956 com a padaria do Victor Pellechia e nós precisávamos de fazer alguma coisa sobre saúde, pois havia aqui operários, famílias de operários. Construímos um departamento de saúde para trazer uma equipe para vacinar o povo, principalmente as crianças. Depois se construiu o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Hospital do IAPI, que está sendo desmontado, parece, e que ficava aqui junto ao Núcleo Bandeirante. E começamos a tratar do povo em ambulatórios, nos próprios canteiros de obras, e em 1957 pedimos ao Ministério da Saúde para trazer uma equipe volante de raios-X. Essa equipe era posta em caminhões, levada para as obras, para a Candangolândia e outros centros de residências, e nós tirávamos radiografias de toda a população. E quando aparecia alguém com tuberculose nós dávamos a passagem para que a pessoa retornasse ao seu estado de origem para tratamento. De modo que há uma particularidade: todas as crianças, durante a construção, eram vacinadas, como ainda hoje. E todas as pessoas em Brasília eram radiografadas, anualmente, através de um aparelho que ia de obra em obra, de casa em casa. De modo que todo mundo era preservado em sua saúde.

Tânia — Se existisse um outro projeto como o de Brasília, o Senhor se engajaria de novo?  
— Dr. Ernesto — Eu me engajaria porque tenho um espírito de pioneiro. Eu gosto de mudar todo dia. E sigo o lema do Professor Anísio Teixeira, que dizia: Mudar, nem que seja para pior. De modo que tudo o que é novo, tudo o que é pioneiro, tudo o que é original eu estou na linha de frente.

**ELZA, MORADORA DO NÚCLEO BANDEIRANTE**

Tânia — Eu queria que você me contasse como era a prostituição na época da construção de Brasília.

D. Elza — Brasília era uma coisa de louco. Tinha muito homem e pouca mulher. Então a gente ia andando assim, os homens atrás, aquela coisa, a gente não querendo, dando o fora. Era uma coisa de louco. Quando eu homem e pouca mulher. Quando eu cheguei aqui em Brasília, fui trabalhar numa casa de família. Ai depois fui trabalhar num bar. Nesse bar eu trabalhava 24 horas por dia. Trabalhava direto. Nesse bar eu vi muita coisa. Lá o que mais tinha era mulher da vida, de prostituição, não é?

Tânia — Dizem que era de fila...  
D. Elza — E. A fila era na zona boêmia, não é? Lá na Praça da Mercedes. Eu não cheguei a ver esse lance porque nunca fui lá. Mas às vezes eu vinha lá da Vila Amauri, para passar no Núcleo Bandeirante. Muitas vezes eu estava na parada de ônibus... Imoralidade não pode falar, pôde?

Tânia — Pode...

D. Elza — (...) Eu sempre gostei do Núcleo Bandeirante, uma cidade pioneira, uma cidade que a gente encontra mais maneira de viver. Se você quer trabalhar, você tem maneira de colher um dinheiro mais facilmente. Se você partir para a prostituição você consegue. Eu não consigo mais porque estou velha, não é? Estou mais pra lá do que pra cá.

— Mas com tanto homem você não ficou rica?  
D. Elza — Eu não fiquei porque não soube. Eu só queria luxar, você está entendendo? Eu me esqueci do dia de amanhã. Por isso e que não fiquei bem de vida. A Cigana tocava um barzinho. Ela começou a vida dela com bar e restaurante. Um barzinho humilde e velho e depois ela colocou uma casa de encontro e aí ela subiu de vida.

**CIGANA**  
Tânia — Por que esse nome?  
Cigana — Porque tinha um investigador que morava na Segunda Avenida que dizia que tudo o que eu fazia era parecido com uma cigana. Os meus gestos, tudo, era parecido com uma cigana.  
Tânia — Você é de onde?  
Cigana — Sou de Pernambuco.  
Tânia — Por que você veio aparecer em Brasília?

Cigana — Porque esse homem (aponta para seu companheiro Alfredo) veio na frente. Eu gostava muito dele e vim atrás dele.  
Tânia — Então era paixão...  
Cigana — Sim, foi paixão...  
Tânia — E ele veio pra cá por quê?  
Cigana — Porque lá era muito ruim e o pessoal dizia que aqui era bom. Mas ficou aqui escondido. Ai depois eu soube por um rapaz do Café Mundial, lá de Recife, que ele havia vindo pra cá. Ai eu vim atrás. Deixei tudo o que era meu lá. No dia que eu cheguei aqui encontrei ele. Lá no IAPB.

Tânia — Quando você veio, você pensava que ia chegar aonde?  
Cigana — Em Brasília.  
Tânia — E encontrar o quê?  
Cigana — Ele. Pensei que ia encontrar o Alfredo.  
Tânia — E como é que foi sua primeira visão de Brasília?  
Cigana — Quando eu cheguei me deu um desgosto que me fez chorar muito. Lá no Aeroporto estava chovendo muito. Eu olhava e pensava: Meu Deus, eu estava num lugar tão bom e agora, num lugar desse... Era a maior tristeza. A gente não via nada, não via urubu. Era aquela coisa feia, esquisita... Ai eu vim pra cá. Eu vim de avião, não é? Ai peguei um ônibus, vim para a Cidade Livre, depois fui para o IAPB e encontrei ele. No dia em que cheguei tinha uma inauguração. Tinha um rapaz na estrada e ele me perguntou pra onde eu ia com tanta trouxa, tanta mala. Ai eu disse que estava atrás de um moço. Ai ele falou que ali tinha um pernambucano que só falava numa mulher. Ai eu disse: ele se chama Alfredo. E ele respondeu: pois ele se chama Alfredo. Abri logo a bolsa, mostrei pra ele o retrato do Alfredo e ele disse que era ele mesmo. O rapaz ia pra Taguatinga, mas resolveu me levar até a obra do IAPB. Tinha lá uma guarita. Ninguém podia entrar. Ai ele pegou minha maleta, guardou e foi chamar o Alfredo. Quando ele chegou estava com um macacão feio. Me deu um desgosto... Estava sendo inaugurado o primeiro prédio. Ai ele me recebeu. O Chefe dele me deu um lanche e me disse que ficasse por ali mesmo e que depois mandaria alguém me levar para a Cidade Livre, para que eu arranjasse um quarto no Hotel.

Tânia — Em que ano era?  
Cigana — De 57 pra 58. Cheguei no mês de dezembro. Passel o Natal aqui.  
Tânia — Como você se sentiu no meio de tanto homem, quando havia pouca mulher aqui?  
Cigana — Eu não tinha nem medo

Era homem que não acabava mais. O Alfredo ia pra Taguatinga e eu ficava sozinha. Só eu e Deus dentro de um quartinho. Eu cozinhava para 100 homens. Fazia quatro latas de café. Botava feijão no fogo numa lata de querozene, com muito arroz e muita carne. Ai cada um pegava sua marmelada, sentava por ali e comia.  
Tânia — E os homens não namoravam você?  
Cigana — Nada. Eles nunca jogaram uma pilheria pra mim. O Alfredo saía, me deixava sozinha e nunca ninguém me fez uma pilheria.

Tânia — Tinha muita prostituição aqui?  
Cigana — Na época tinha. Mas tinha pouca mulher. Os homens faziam fila. Eu não via nada, eles é que me contavam. Todo mundo gostava de mim. Os doutores, todo mundo me dava água, luz, para eu fazer as coisas. Eu cozinhava feito uma doida. Quando eu saía de dentro das manilhas...

Tânia — Era dentro de manilha?  
Cigana — Era, era dentro de três manilhas. Quando eu saía de lá custava a andar carregando os caldeiros de comida.  
Tânia — E a construção? Você acompanhava?  
Cigana — Eu tinha tempo? Fazia comida direto. Eu saía do acampamento e vinha comprar comida aqui no Núcleo Bandeirante. Comprava arroz, carne, feijão, macarrão, pra levar pra lá. Era toda semana. Eu vinha de noite pra cá pra dormir, e no dia seguinte voltava bem cedo para o acampamento. Até que um dia não voltei mais. Fiz um barraco, cobri com 100 sacos de cimento que o doutor me deu...

Tânia — Você tinha esperança de conseguir o quê?  
Cigana — Trabalhei muito, arranjei o lote e construí um prédio sem tirar um tostão de banco, sem tomar emprestado, com um barzinho que eu montei. Fui construindo, construindo, construí tudinho.  
Tânia — O que você acha de Brasília hoje?

Cigana — Muito bom. Eu não quero mais sair daqui. Daqui só para o cemitério. Eu fui a Recife por uns dias. Passei lá 18 dias. Quando eu cheguei lá chorava pra voltar.  
Tânia — Você conheceu Juscelino?  
Cigana — Virgem Maria! Eu peguei na mão dele, subia no carro dele dando vivas a ele. Juscelino era muito bom. Não tinha esse negócio de ser rico ou pobre. Juscelino andava no meio dos trabalhadores no meio de todo mundo. Nossa Senhora! Foi o melhor homem que Deus deixou na terra. Foi quem fez Brasília, não é?

Tânia — Como as pessoas se divertiam aqui?  
Cigana — Não tinha nada pra se divertir. Era só trabalhar, comer, dormir. Não tinha bar nem nada. Depois é que começou a aparecer umas coisinhas. Eu mesma tinha um bar na Segunda Avenida. Quando eu chegava do trabalho, de noite, abria o barzinho e vendia cigarro, guaraná, cerveja, etc.

Tânia — Vamos apresentar o Alfredo? Você falou nele o tempo todo... (Dirigindo-se ao Alfredo) Você veio porque?  
Alfredo — Eu viajava pra São Paulo, pro Rio e um dia me disseram: vai para Brasília. Vim pra trabalhar. Trabalhava nas obras. Quando cheguei me empreguei como servente. Com três semanas me passaram a encarregado. Lá no IAPB. O primeiro bloco que foi terminado era lá. O primeiro apartamento foi terminado para receber a mãe de Juscelino, que vinha para a inauguração de Brasília.

**MARIO MORECI, fotógrafo**  
Tânia — O Senhor é italiano. Como é que veio para Brasília?  
Sr. Mario — Bom, cheguei ao Brasil em 1949. Primeiramente fui para São Paulo, onde fiquei 6 meses. De São Paulo fui para Goiânia.  
Tânia — Por que?  
Sr. Mario — Porque eu achava que no interior seria melhor. De Goiânia vim para Brasília. Brasília não era nada. Era só um sonho. Era só mato. Eu achava que Brasília já estava fundada. Mas não tinha nada, nada. Então eu trouxe uma pequena torreadora de café e comecei a torrar café em baixo do sol. Só tinha escoréio e cobra. A gente só ouvia bater martelo na construção das casas. Mais nada. Depois, pouco a pouco, fiz um fogão maior, peguei um tambor de gasolina, fiz com ele uma torreadora maior. Dai comecei a melhorar. Eu fornecia uma base de mil sacos de café torrado por mês. Depois fechei a torrefação e fui para a Itália. Fiquei seis meses por lá. Quando voltei de lá não me deram mais a cota de café. Então fechei a indústria e fiquei três anos sem fazer nada.

Tânia — Como é que era a vida no Núcleo Bandeirante, nesse período que o Senhor viveu aqui antes de voltar para a Itália?  
Sr. Mario — Era uma comunidade muito bacana, uma amizade grande com o gerente dos bancos, com a Igreja, com o Padre Roque, que naquela época estava construindo sua Igreja. Havia uma zona boêmia. Era uma vida ótima. Ganhava-se muito dinheiro. Era só poeira. Era só maquiário. Não aqui, mas lá no Plano Piloto. Aqui era só uma cidadezinha, que possibilitou a construção do Plano Piloto. Eu já tomei guaraná com o Juscelino, no Bar Maracangalha. Gostei demais dele.

Tânia — E verdade que a música "Maracangalha" foi feita por causa desse bar?  
Sr. Mario — Exatamente. (Ele canta a música em italiano). Quando o Presidente vinha a Brasília ele se juntava aos candangos, aos "candanguinhos", e tomava guaraná junto conosco lá no bar. Ai a gente se entossava, fazia novas amizades.  
Tânia — Esse bar ainda existe?  
Sr. Mario — Não, já foi demolido há muito tempo.

Tânia — Havia outros estrangeiros por aqui?  
Sr. Mario — Quando foi feito um churrasco na Velhacap, o Presidente veio. Conversamos com ele, eu e outro italiano. Ai ele perguntou: quantos italianos tem aqui? Eu falei: Uns 4 ou 5 no máximo. Ai ele respondeu: "Pois quando eu inaugurar a cidade em 1960 Brasília terá qua-

tro mil. E viva a macarronada!"  
Tânia — Quando veio o Presidente da Itália o Senhor era gestor?

Sr. Mario — Eu gostei demais da visita. O Presidente me deu a mão, conversou comigo, perguntou como era Brasília. Ai eu respondi que Brasília estava crescendo dia a dia. E que eu, no início, não acreditava. Ele então quis tirar uma fotografia junto comigo. Quando eu cheguei aqui a minha mulher não podia andar na rua. Era só homem, mais nada. Depois é que chegaram as mulheres. Fizeram uma zona boêmia. Vieram ciganos, prostitutas, o diabo a quatro, todo mundo. Quando começou a abrir Brasília veio todo mundo.

Tânia — Quando o Senhor voltou da Itália em 1960, como encontrou isso aqui?

Sr. Mario — Quando cheguei aqui a situação já estava diferente. Em seis meses tudo mudou. Não consegui mais abrir minha torrefação, e vendi o maquinário. Ai abri o "Real Foto Veneza". Eu era o repórter de "Brasília em Foco". Fiz uma reportagem filmada, pois eu trouxe uma máquina de filmar de 8mm, da Itália. Filmei todo o Núcleo Bandeirante. A Vila da Mercedes, o IAPI, o quebra-quebra. Porque houve um quebra-quebra muito grande aqui, na época do Jânio Quadros e do Paulo de Tarso, que era o Prefeito. Jânio queria acabar completamente com o Núcleo Bandeirante. A GEB ajudava a Prefeitura a desmontar os barracos, com gente dentro, inclusive. Pois o Núcleo Bandeirante era provisório. E nós não queríamos isso. Nós queríamos fixar o Núcleo Bandeirante. Então eu filmei tudo isso. Mas durante a revolução de 1964, o SNI pegou todos os meus filmes. Eles ainda devem estar lá no SNI.

Tânia — O pe. Roque não tem nada?  
Sr. Mario — O Pe. Roque tem um filme que eu fiz, sobre a construção da sua antiga igreja. Ele é um grande trabalhador. Com suas mãos construiu a igreja. Dei a ele 2 filmes de presente. Eu fui o primeiro diretor do movimento pro-fixação do Núcleo Bandeirante, junto com o Garcia e outros.

Tânia — O que era esse movimento?

Sr. Mario — Era um movimento que batalhou a fixação do Núcleo Bandeirante. Batalhamos demais da conta. Fomos à Câmara, ao Senado, ao Deputado Breno da Silveira, que foi justamente quem fez a lei que aprovada, fixou o Núcleo Bandeirante. O governo de Jânio Quadros estava no fim. Foi Jango Goulart quem fixou o Núcleo Bandeirante. Veio até aqui e aqui assinou a planta e normalizou a situação do Núcleo Bandeirante. Hoje a vida aqui é normal. Acabaram com alguns barracos. Ainda tem algum barraquinho, mas hoje o Núcleo Bandeirante está crescendo, está bonito. Eu não saio mais daqui.

**JOAQUIM CÂNDIDO GARCIA NETO, COMERCIANTE**

Eu cheguei nesta terra em 1959. A preocupação do repórter é saber a que vim, porque vim para este Planalto Central e que corajosamente o grande Presidente JK fazia tudo para tornar possível a interiorização da Capital do Brasil. O que diz respeito à minha pessoa e à minha modesta empresa, eu vim para cá cuidar de uma coisa que não existia nesta região, que era a atividade agropastoril. Eu achava que Brasília, como toda cidade, precisava ter, a emoldurá-la, um cinturão verde, produtivo, não só no setor olerícola — produção de produtos hortifrutigranjeiros, mais a avicultura, a suinocultura, e a grocearia. E claro que nos idos de 59 a 60 era projeto visionário. A primeira, a grande preocupação, era edificar o Plano Piloto de Brasília, mas sem dúvida alguma me sinto gratificado por ter participado anonimamente desta maravilha que é hoje o cinturão verde de Brasília e tudo o mais que se produz, não só dentro do quadrilátero da Capital da República, como também em sua região geoeconômica. E uma curiosidade que todos que conhecem Brasília procuram indagar a razão da Cidade Livre. Quando o Congresso Nacional aprovou a construção da Capital do Brasil, a lei que criou a Novacap determinava a criação de uma cidade que teria dentro dela o comércio, pensões, hotéis, bares, toda uma vida comercial, isenta de impostos, isenta de qualquer fiscalização. Essas atividades que floresceram, que foram de extrema utilidade para a construção da Capital deixariam de existir quando a cidade fosse inaugurada em 21 de abril de 1960. Então, o nome que se deu à cidade foi "Cidade Livre", porque havia liberdade para se comercializar. Não era liberdade como muita gente imagina. Havia um comércio regular, havia bancos, havia toda uma comunidade, havia igreja ou igrejas. A comunidade vivia organizada. Mas o nome da cidade, em razão da liberdade que existia, isenta de pagamentos de impostos, foi "Cidade Livre". E é um nome que ficou para a história, embora hoje se chame Núcleo Bandeirante, numa homenagem ao primeiro agrupamento urbano que se criou dentro do quadrilátero da Capital da República. E preciso que os novos moradores saibam uma verdade: a Cidade Livre ia desaparecer no dia 21 de abril de 1960. Contra essa determinação da lei, contra essa disposição dos então mandatários, levantou-se o povo da Cidade Livre organizadamente, através de sua Associação Comercial e, mais tarde, através do Movimento Pró-Fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante, um movimento político de primeira grandeza, em que se uniram todas as lideranças dos partidos políticos então existentes, todos os pastores das igrejas cristãs-anglicanas, inclusive o nosso querido Padre Roque. A esse movimento soumos-se a participação decisiva de parlamentares do Congresso Nacional, sendo que um deles, o Deputado Breno da Silveira, apresentou um projeto de lei, a Lei nº 4.020, mas tarde aprovada por unanimidade pelo Congresso Nacional, passando a Cidade Livre, uma cidade condenada à extinção, a ser uma cidade satélite de Brasília.